

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

ESCOLA DE NEGÓCIOS, HOSPITALIDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**OS IMPACTOS DA CRISE DA GLOBALIZAÇÃO NA HUNGRIA: QUAL A RELAÇÃO ENTRE
A CRISE E A ASCENSÃO DE VIKTOR ORBÁN AO PODER?**

Alunos: Henrique Lopes de Lira

Kaleo Alves Diniz dos Santos

Laura Lopes Prieto

Lucas Contrera Cintra

Pedro Hypólito Nogueira

Rebeca Pacini

Orientadora: Profa. Dra. Carolina C. L. Preto

São Paulo

2023

Henrique Lopes de Lira – RA: 125111354680

Kaleo Alves Diniz dos Santos – RA: 125111353692

Laura Lopes Prieto – RA: 125111367921

Lucas Contrera Cintra – RA: 125111376872

Pedro Hypólito Nogueira – RA: 125111372038

Rebeca Pacini – RA: 125111359263

**OS IMPACTOS DA CRISE DA GLOBALIZAÇÃO NA HUNGRIA: QUAL A RELAÇÃO
ENTRE A CRISE E A ASCENSÃO DE VIKTOR ORBÁN AO PODER**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado
a Escola de Negócios, Hospitalidade e Relações
Internacionais da Universidade Anhembi Morumbi
como requisito parcial para obtenção de título de
Bacharel em Relações Internacionais

Orientadora: Profa. Dra. Carolina C. L. Preto

São Paulo

2023

Henrique Lopes de Lira – RA: 125111354680

Kaleo Alves Diniz dos Santos – RA: 125111353692

Laura Lopes Prieto – RA: 125111367921

Lucas Contrera Cintra – RA: 125111376872

Pedro Hypólito Nogueira – RA: 125111372038

Rebeca Pacini – RA: 125111359263

**OS IMPACTOS DA CRISE DA GLOBALIZAÇÃO NA HUNGRIA: QUAL A RELAÇÃO
ENTRE A CRISE E A ASCENSÃO DE VIKTOR ORBÁN AO PODER**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais, da Universidade Anhembi Morumbi.

_____, ____ de _____ de 20____.
Local dia mês ano

Profa. e orientadora Dra. Carolina C. L. Preto, Universidade Anhembi Morumbi

Prof. Nome completo, abreviatura da titulação
Univerdade Anhembi Morumbi

Prof. Nome completo, abreviatura da titulação
Univerdade Anhembi Morumbi

RESUMO

LIRA, Henrique Lopes de *et al.* **Os impactos da crise da globalização na Hungria:** qual a relação dessa crise e a ascensão de Viktor Orbán ao poder. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Escola de Negócios, Hospitalidade e Relações Internacionais, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2023.

Este artigo tem como objetivo descrever os fatores que levaram à ascensão de Viktor Orbán e à insurgência do populismo dentro da Hungria a partir da década de 2010, no contexto da crise da globalização. Para tanto, o caso húngaro foi analisado a partir de uma revisão bibliográfica da teoria de Dani Rodrik e buscou-se avaliar a utilidade da referida teoria para a compreensão da trajetória da Hungria. Diante disso, discorreu-se sobre (1) crise da globalização, (2) contexto histórico, (3) economia, (4) populismo e (5) União Europeia, estabelecendo-se sempre a relação da teoria de Dani Rodrik com o contexto húngaro. O resultado encontrado foi que a teoria não é suficiente para explicar o fenômeno por completo, pois ela não contempla alguns elementos políticos, sociais e econômicos particulares da Hungria e que foram determinantes para o estabelecimento e manutenção de Orbán no poder até a atualidade.

Palavras-chave: Hungria, Crise da Globalização, Viktor Orbán, Populismo

ABSTRACT

LIRA, Henrique Lopes de *et al.* **Os impactos da crise da globalização na Hungria:** qual a relação dessa crise e a ascensão de Viktor Orbán ao poder. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Escola de Negócios, Hospitalidade e Relações Internacionais, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2023.

This article seeks to describe the factors that led to the rise of Viktor Orbán and the insurgency of populism within Hungary from the decade of 2010 in the context of the crisis of globalization. For this, an analysis was made based on the theory of Dani Rodrik and its usefulness was also verified on the theoretic board of the Hungarian case. With that in mind, it was defined essential axis regarding the (1) Globalization Crisis, (2) Historic Background, (3) Economy, (4) Populism, and (5) European Union, always connecting Dani Rodrik's theory with Hungarian context. The findings indicate that the theory is not enough to explain the phenomenon completely, because it doesn't contemplate some political, economic and social elements characteristic of Hungary, which were decisive for the establishment and maintenance of Orbán in power to the present day.

Keywords: Hungary, Globalization crisis, Viktor Orbán, Populis

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	CRISE DA GLOBALIZAÇÃO.....	3
3	CONTEXTO HISTÓRICO	8
4	ECONOMIA.....	10
5	POPULISMO	16
6	UNIÃO EUROPEIA	21
7	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

São diversos os casos de enfraquecimento dos sistemas democráticos ao redor do mundo, vítimas de lideranças políticas que parecem ter adotado, a partir da crise da globalização, um modelo de ação semelhante para ascenderem e se manterem no poder. Alguns acontecimentos deste tipo, como os ocorridos nos Estados Unidos e Brasil, ganham mais destaque, enquanto outros como Hungria e Polônia ficam pouco conhecidos. Por isso, pesquisar a relação entre o enfraquecimento de democracias e os efeitos da globalização se faz extremamente importante para endereçar questões contemporâneas da política internacional, contribuindo para a identificação e ação frente a estes movimentos.

Nesse sentido, este artigo busca contribuir para a compreensão destes fenômenos políticos, sociais e econômicos a partir da análise do caso da Hungria, que, desde 2010, vive no contexto do populismo e de ameaças à democracia por meio do primeiro-ministro Viktor Orbán. O recorte de pesquisa adotado permite trazer à luz um caso pouco explorado pela grande mídia, mas que se insere em um movimento mundial de questionamento da democracia liberal, e evidencia as contribuições da crise da globalização para a ascensão de lideranças autoritárias e populistas ao poder.

Para tal propósito, este artigo buscou avaliar a pertinência de se aplicar ao caso da Hungria a contribuição teórica sobre globalização proposta pelo economista Dani Rodrik. Nesse sentido, também objetiva-se identificar em que medida esta perspectiva é útil para explicar o caso húngaro, bem como explicitar eventuais limitações desta abordagem teórica. A partir desta análise, pretende-se contribuir para a compreensão de uma pergunta central: qual a relação entre a crise da globalização e a ascensão de Orbán ao poder? A hipótese de que parte este artigo é a de que os choques da globalização contribuíram, de forma significativa, para a ascensão e manutenção de Viktor Orbán no poder, bem como para o conseqüente enfraquecimento da democracia húngara.

Inicialmente, revisou-se a literatura que discute a crise da globalização e seus desdobramentos políticos e, mais especificamente, a perspectiva teórica de Dani Rodrik. Posteriormente, o artigo apresenta uma contextualização histórica da Hungria, com a finalidade de identificar elementos enraizados na sociedade húngara que contribuíram para as reações aos choques da globalização. Nos dois tópicos seguintes, são abordados os elementos econômicos

e políticos domésticos, paralelamente à análise do caso à luz das teorias discutidas. Por fim, são exploradas as consequências dos choques da globalização na política externa da Hungria em relação à União Europeia, focando na confrontação entre visões distintas sobre a globalização.

2 CRISE DA GLOBALIZAÇÃO

A década de 1990 foi marcada por mais uma onda de globalização, dessa vez, influenciada pelo fim do conflito geopolítico entre as duas superpotências do período, Estados Unidos e União Soviética, na Guerra Fria. Diversos especialistas estudaram e debateram o tema, produzindo teorias que seguem sendo discutidas até os dias atuais. Entre as duas mais conhecidas: o “Fim da História”, de Francis Fukuyama (1992), e o “Choque de Civilizações”, de Samuel Huntington (1993). Igualmente, ambas tratam da mudança política e econômica ocorrida na sociedade do período, apesar de partirem de pontos de vista diferentes. A primeira, considerando que o modelo de democracia liberal seria o ápice da evolução, sugere que: “(...) a democracia liberal continuaria como a única aspiração política corrente que constitui o ponto de união entre regiões e culturas diversas do mundo todo” (FUKUYAMA, 1992, p. 13, tradução nossa).

Na contramão, Huntington (1993, p. 22, tradução nossa) diz que: “Minha hipótese é que a fonte fundamental de conflito nesse novo mundo não será ideológica ou econômica. A grande divisão na humanidade e fonte dominante de conflitos será cultural”.

Independentemente do desdobrar dos fatos e dos questionamentos feitos às teses expostas, é indiscutível que o processo de globalização mudou o mundo. O incremento da porosidade das fronteiras nacionais foi responsável pelo aumento dos fluxos migratórios, de mercadorias e de capital. Tal acontecimento aprofundou a interdependência entre as nações, estimulando os cálculos de poder a se tornarem ainda mais delicados, bem como a instalação de uma teia de relações mutuamente dependentes, com dimensões de sensibilidade e vulnerabilidade (KEOHANE; NYE, 2001).

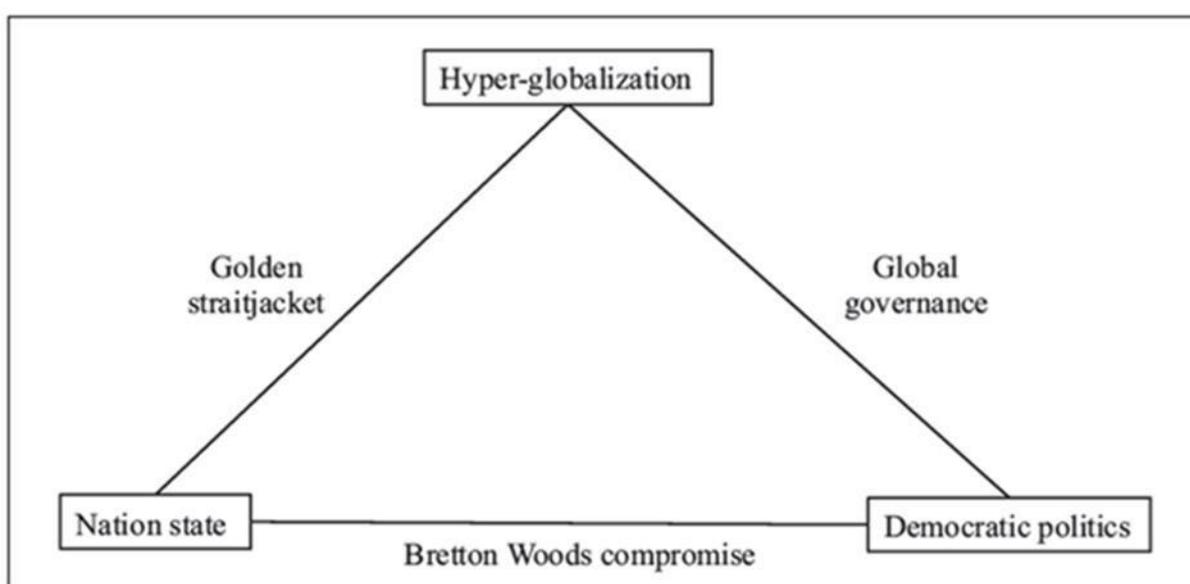
Diante desse cenário, de forma otimista, vários Estados e sociedades esperavam colher bons frutos do processo de globalização. Entretanto, os efeitos, especialmente econômicos, mostraram-se contrários aos esperados: “De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades” (SANTOS, 2001, p. 19). A ideia de que todos teriam acesso a um mercado global não se cumpriu, tão pouco a homogeneização dos direitos sociais, civis e políticos em uma “cidadania global”. Na verdade, conforme defende Saskia Sassen (2016), a globalização é, historicamente, um processo de concentração de riqueza; um movimento propiciado pela ajuda sistêmica do Estado, que garante

a internacionalização de empresas, a partir da criação de instituições que regulam o comércio e as finanças globais, em detrimento da proteção social.

Nesse movimento, o capitalismo industrial, que vigorou entre os séculos XIX e XX, com forte participação estatal, garantidora da ascensão da classe média por meio de medidas de proteção trabalhista, elevação dos níveis salariais e atuação transnacional de sindicatos, deu lugar a um capitalismo financeiro. Essa segunda fase, iniciada no pós-Guerra Fria, deslocou o foco da produção industrial para o mercado financeiro, permitindo o lucro sem necessariamente a produção de um bem e resultando na redução de salários, austeridade fiscal e desregulamentação dos mercados.

Essa financeirização do capitalismo – marcada pela precarização do trabalho e orientada para a atração de capital, redução da capacidade fiscal do Estado, flexibilização da soberania estatal, distanciamento entre governantes e governados devido aos acordos internacionais e padrões globais adotados – criou uma situação paradoxal, na qual as nações deveriam fazer escolhas mutuamente excludentes. Nessa fase, não seria possível ter a hiperglobalização, democracia e autodeterminação nacional simultaneamente, mas apenas duas dessas opções, configurando o chamado “Trilema da Globalização” (RODRIK, 2012).

Quadro 1 - Trilema da Globalização

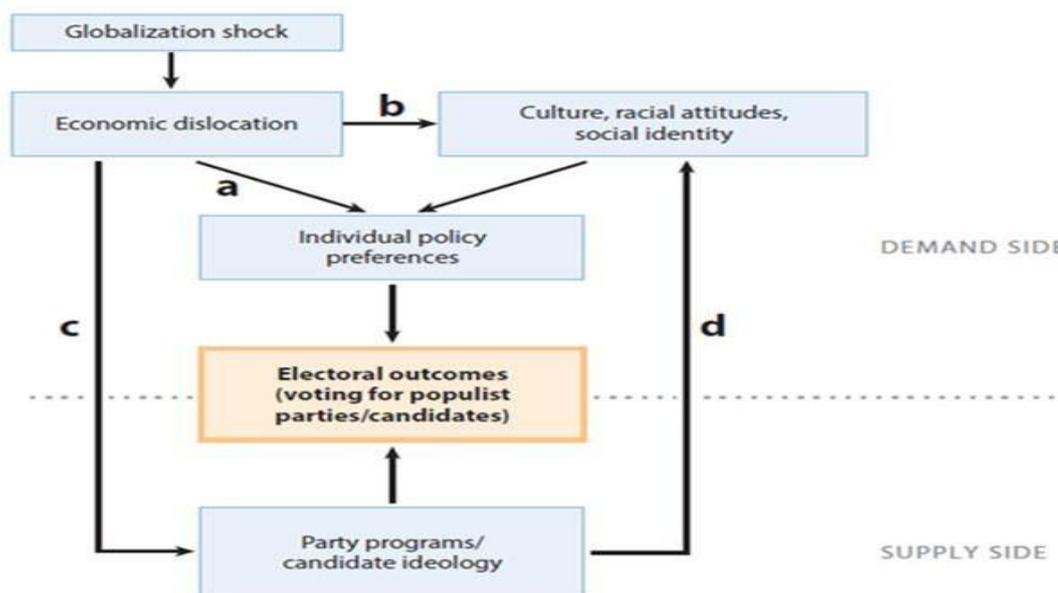


Fonte: Rodrik (2012).

Caso o Estado viesse a optar pela hiperglobalização e pela democracia, na chamada “*Global Governance*”, seria necessário renunciar a uma maior parte da soberania estatal, similar ao feito pelos membros da União Europeia. Em um segundo caso, escolhendo a democracia e a preservação da soberania estatal para proteção social, se obteria algo similar aos países nórdicos, com Estados de Bem-Estar Social. Por fim, no terceiro caso, ao preferir a manutenção da soberania nacional e hiperglobalização em detrimento da democracia, o Estado se encontraria em uma “jaqueta de força dourada”, no qual o ente estatal exerce controle social para contornar a falta de democracia. Em vista disso, e por uma série de fatores a serem explorados em breve, a “hiperglobalização (...) parece ter produzido desintegração doméstica em muitos países” (RODRIK, 2021, p. 134, tradução nossa).

Buscando entender os caminhos pelos quais a globalização influencia a política doméstica dos Estados, mais especificamente como ela contribui para a ascensão de lideranças populistas de extrema-direita, Dani Rodrik criou um modelo que relaciona aspectos econômicos, políticos e culturais a partir de choques da globalização.

Quadro 2 - Efeitos do choque da globalização nas preferências e agendas políticas



Fonte: Rodrik (2021).

Dividindo o esquema em 4 fluxos, separados por demanda – as escolhas dos eleitores – e oferta – os candidatos políticos e suas plataformas –, o pesquisador explica que, a partir do choque, o deslocamento econômico pode influenciar, diretamente, preferências por políticas e

lideranças (fluxo a). De modo semelhante, os eleitores podem ter suas percepções moldadas indiretamente, uma vez que os efeitos econômicos podem refletir em identidades e aspectos culturais (fluxo b), isto é, o acirramento de disputas étnicas, religiosas e raciais entre *insiders* (“nós”) e *outsiders* (“eles”), em virtude de inseguranças econômicas. Em outras palavras, “preferências políticas que parecem ser conduzidas por valores culturais possuem, na verdade, raízes econômicas mais profundas” (RODRIK, 2021, p. 140, tradução nossa). Ainda, o deslocamento econômico pode representar mudanças ideológicas e políticas de candidatos ou de agendas partidárias (fluxo c), dessa forma, mesmo que as preferências dos eleitores se mantenham inalteradas, eles serão confrontados por “ofertas” de candidatos e partidos mais polarizados e ativos nas agendas de proteção comercial e imigratória. Por fim, os partidos políticos e seus membros também podem apelar para questões identitárias e culturais de seus eleitores como forma de desviar a atenção dos problemas econômicos (fluxo d). Em resumo:

(...) choques da globalização podem alimentar apoio direto ao populismo – fluxo a –, bem como indireto – fluxo b e d. Eles podem influenciar tanto o lado da oferta – fluxo c, d –, como o lado da demanda – fluxo a, b (RODRIK, 2021, p. 141, tradução nossa).

Aprofundando nas explicações causais desse fenômeno político-econômico, Rodrik (2021) divide 4 categorias de estudo: comércio, imigração, globalização financeira e insegurança econômica. Para todos, o autor buscou reunir a literatura empírica, como forma de compreender as determinantes do populismo.

Em relação ao primeiro tema, do comércio, Rodrik explora os efeitos das importações chinesas nas eleições estadunidenses. Segundo ele, é possível comprovar influências positivas sobre o Partido Republicano nas eleições presidenciais de 2008 e 2016. Os principais resultados de um choque econômico comercial se dão mais por atitudes negativas contra imigrantes e minorias étnico-raciais, do que por posicionamentos protecionistas. Outro exemplo, ainda mais claro, seria o NAFTA: áreas submetidas a forte entrada de produtos de origem mexicana experienciaram forte desemprego, ao mesmo tempo que demonstraram uma tendência política de maior apoio a candidatos republicanos.

Tratando do segundo tema, a imigração, o autor considera inapropriado analisar grandes centros metropolitanos, devido às suas características cosmopolitas, que não contribuem para o fortalecimento de candidatos populistas. Entretanto, para áreas que passam por forte entrada de imigrantes pode haver retaliação cultural desconectada de questões econômicas, nos casos de xenofobia e outras questões identitárias. Ao mesmo tempo, esse fluxo migratório pode

representar deslocamentos econômicos por conta de disputas criadas no mercado de trabalho ou acesso a recursos públicos, como saúde e educação.

A globalização financeira, por sua vez, está relacionada ao aprofundamento da interdependência, a qual pode ocasionar graves crises financeiras globais, como em 2008. Entretanto, aparentemente, há pouca reação política contra a financeirização global. Bancos e especuladores não parecem ter se tornado alvos da mesma forma que as exportações chinesas e os imigrantes. Contudo, ela não deixa de se relacionar com o quarto tema, a insegurança econômica geral. As diversas mudanças no mercado de trabalho e sistemas produtivos costumam produzir grande ansiedade econômica, enquanto reduzem a qualidade de vida da classe média, na linha do exposto anteriormente ao tratar das ideias de Saskia Sassen e Milton Santos sobre a globalização. Portanto, após a análise dessas 4 temáticas, o autor conclui convictamente que “evidências empíricas não deixam dúvida que a globalização desempenhou papel significativo na ascensão do populismo recentemente” (RODRIK, 2021, p. 162, tradução nossa).

3 CONTEXTO HISTÓRICO

Para se entender como a crise da globalização contribuiu para a ascensão de Viktor Orbán ao poder, é necessário compreender o processo histórico e a cultura política da Hungria. A história húngara foi marcada por alternância de modelos de governo e movimentos autoritários, até se chegar ao que se configurou na contemporaneidade - um governo etno-nacionalista autoritário, marcado pelo avanço de movimentos de grupos da extrema-direita. A partir disso, é importante ressaltar que a história da Hungria é caracterizada por possuir uma forte política reacionária que sempre buscou o retorno ao passado político anterior da sociedade (WILKIN, 2018).

As Revoluções de 1848 buscavam uma independência econômica e política, além da liberdade cultural, étnica e religiosa, já que os mesmos ainda eram dependentes dos Habsburgos. No entanto, sua derrota para a população húngara culminou numa intensa perseguição aos grupos liberais e republicanos, e simultaneamente, a restauração das monarquias absolutistas. Conseqüentemente, houve uma resistência à industrialização, mantendo a Hungria no seu papel de produtor agrário e fornecedor de matéria-prima às grandes potências europeias. Até que, em 1867, estabeleceu-se uma aliança com o Império Austríaco, que dava uma maior autonomia à parte húngara, mas ainda com certas restrições, como o controle de seu exército, marinha e política externa, que ainda era de responsabilidade de um governo comum – Áustria e Hungria (BOZÓKI & SIMON, 2009).

Tal aliança perdurou até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando o Império Habsburgo deixou de existir. Dessa forma, é com o fim da Grande Guerra, que os húngaros emergem como nação independente de fato. No entanto, o término da guerra acarretou a perda de partes do território e a fragmentação da população austro-húngara – é nesse momento que os soviéticos veem uma oportunidade de iniciar uma república bolchevique, liderada por Béla Kun (1886-1938), mas que foi impedida por força brutal pelas forças militares externas, que temiam uma intervenção socialista na região (BOZÓKI & SIMON, 2009). Anos mais tarde, Miklós Horthy (1868-1957) se tornou o regente do governo húngaro, implementando um sistema econômico de rejeição à modernização.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) trouxe à Hungria uma proximidade com os países que compunham o Eixo, firmando uma aliança com a Alemanha, na tentativa de recuperar territórios que havia perdido na guerra anterior (PRINTER, 2008.). Contudo, isso

resultou na ocupação do território por parte dos alemães; enquanto isso, ideais racistas e antisemitas circulavam e cresciam cada vez mais entre a população. Ademais, o término da guerra e a derrota do Eixo, não traria um resultado diferente: com a presença dos soviéticos para libertar o território, ocorreu o domínio político e militar da União Soviética sobre os húngaros.

Em 1947, a Hungria foi incorporada como um Estado satélite de Moscou, e sua capital, Budapeste, estava sob autoridade dos soviéticos – nas eleições do mesmo ano, o Partido Comunista saiu vitorioso, e junto a ele, a implementação do socialismo autoritário. Devido à crescente influência soviética no Leste Europeu, em 1949, surge a República Popular da Hungria. A nação húngara passou a fazer parte de um sistema político socialista entre 1949 e 1989, e tal período de tempo marcou a transição política de um sistema de domínio para a reconquista de sua independência no Sistema Internacional.

Além disso, em 1956, houve a eclosão de diversas manifestações populares, que foram brutalmente reprimidas pela União Soviética, ao implicarem na intervenção das tropas do Pacto de Varsóvia, com o intuito de conter os nacionalistas húngaros (CALVOCORESSI, 2011). Entretanto, a revolução ultrapassou o que os soviéticos conseguiram conter, muito por conta do enfraquecimento do controle comunista após a morte de Josef Stalin (1878-1953).

Ao final da Guerra Fria, em 1988, iniciava-se a ascensão das mudanças políticas que estavam em vigência na República Popular húngara, e a oposição política ganhava mais força. Novos partidos políticos surgiam com ideias pró-democracia no governo de Budapeste, unido ao desejo por uma tendência mais liberal. Por fim, houve um acordo que estabelecia a retirada das tropas soviéticas do território húngaro, e também a retificação da Constituição, oficializando a República Democrática da Hungria em outubro de 1989. Desse modo, os novos partidos ansiavam por um reordenamento político-econômico, cujo objetivo era priorizar a cooperação regional, além da tentativa de estreitar suas relações com a Europa e o restante do Ocidente (PRINTER, 2008).

Ao retomar sua soberania internacional, o Estado húngaro se dedicou em estabelecer cooperações de cunho regional, da qual houve a criação do Grupo de *Visegrad* (1993), que era composto pela Hungria, Polônia, República Tcheca e Eslováquia. Anos mais tarde, o retorno de suas relações com o restante da Europa se consolidou ao ingressar na OTAN em 1999, e logo após na União Europeia em 2004 (BOZÓKI & SIMON, 2009).

4 ECONOMIA

Para entender como essa dinâmica e o modelo de Rodrik se manifestaram na evolução econômica da Hungria, é imprescindível explorar o conceito de Centro-Periferia em primeiro lugar.

Prebisch explica o conceito de Centro-Periferia como:

Existia, de fato, uma “constelação económica” cujo centro eram os países industrializados favorecidos por esta posição - sustentada pelo seu avanço anterior em termos de progresso técnico -, que organizou o sistema como um todo para que servisse aos seus próprios interesses. Os países produtores e exportadores de materiais primos eram assim ligados ao centro com base em seus recursos naturais, de modo que formavam uma periferia vasta e heterogênea, incorporados ao sistema em diferentes formas e tamanhos (PREBISCH, 1987, p.14, tradução nossa).

Além dessa definição, Prebisch colocava que a relação entre cada país periférico com os países centrais dependeria da relação política e da capacidade econômica.

O tipo de ligação de cada país periférico com o centro e a amplitude desta conexão dependia em grande parte dos seus recursos e da sua capacidade econômica e política para mobilizá-los (PREBISCH, 1987, p.14, tradução nossa).

Apesar das definições do autor terem base iniciais no contexto histórico da América Latina, é possível utilizar esse conceito na hora de correlacionar as relações de Centro-Periferia no âmbito da Hungria com seus vizinhos. Esse ponto é esclarecido com a ascensão dos partidos liberais na Hungria, quando a recém-adquirida democracia se inseriu num contexto em que a Hungria servia como um *belt* de bens manufaturados e de indústrias de alta tecnologia, com mão-de-obra barata e desassociada, atendendo as nações europeias. Esse processo se intensificou ainda mais com a chegada de multinacionais, coincidindo com a transição do setor industrial para o de serviços. Em vista disso, estabeleceu-se uma forma mais complexa de relação Centro-Periferia, com a economia doméstica centrada em Budapeste, ao passo que a capital húngara tornava-se cercada por uma região industrial em situação precária, característica do neoliberalismo, uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar que mais adiante consolidou o predomínio da nova direita na Europa (ANDERSON, 1995, p.3).

Nesse contexto de instabilidade econômica, a Hungria tornou-se dependente do aporte financeiro estrangeiro, especialmente dos Estados Unidos e do Japão. Isso, adicionado aos problemas sociais apresentados como aumento da pobreza, desigualdade social, ruptura do bem-estar social, casos de corrupção de representantes políticos, além da ineficácia dos soviéticos em eliminar ideologias reacionárias, como o fascismo, do território, culminou na mudança de estrutura política e econômica húngara em direção a uma nova identidade nacional, uma unificação nacional.

Com Orbán, representante da nova direita nacionalista e populista que prometia privatizações, liberdade e vinculada ao “choque de capitalismo”, esse novo grupo político, alimentado e se aproveitando da fragilidade do sistema juntamente com a insatisfação popular, se apresentou como defensor do cidadão comum e deu voz às pessoas que se sentiam deslocadas ou não representadas pelo antigo sistema. Abraçando tais ideias de contestação ao multilateralismo de organizações como a ONU e a promoção de ideias ultraconservadoras, Orbán foi abraçando um conceito de democracia majoritária ou democracia da maioria, o que marcou a emergência de uma nova corrente política e econômica na Hungria.

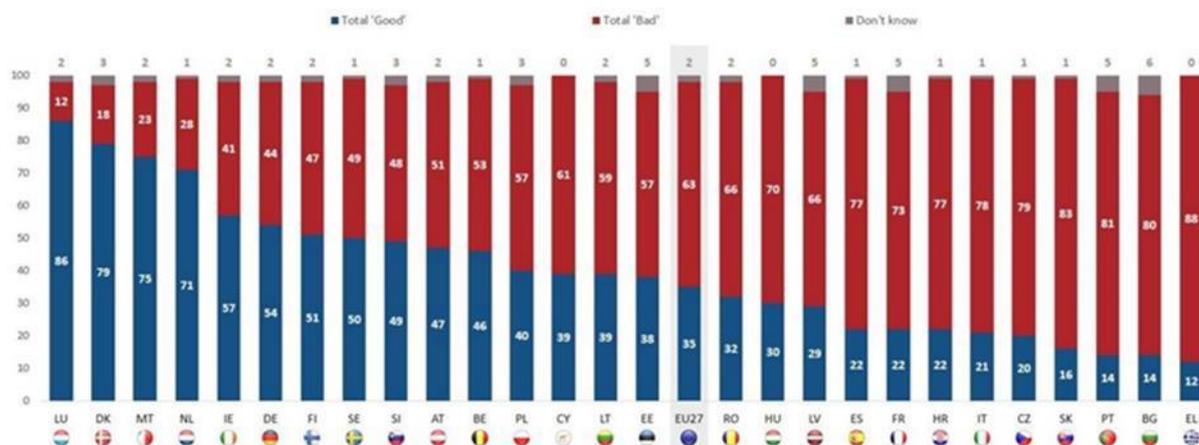
No entanto, diferente da teoria, o que está acontecendo domesticamente pode ser exemplificado por Bozoki:

As prioridades do sistema de Orbán, no entanto, não são melhorar os meios de subsistência dos pobres, dos marginalizados e as comunidades ciganas, nem o seu sistema abrange os conceitos da república ou respeito pela diversidade social e cultural. Longe de unir a nação, a realidade é que Orbán está dividindo a sociedade (BOZOKI, 2012, p.1, tradução nossa).

Além disso, é possível enxergar esta divisão, citada no trecho anterior, quando se analisa o quadro a seguir sobre as percepções da situação atual da economia nacional entre os Estados-Membros da União Europeia, levando em consideração o país desejado, Hungria.

Quadro 3 - Como você avaliaria a situação atual de cada um dos itens a seguir? A situação da economia (NACIONALIDADE)

QA1.2 How would you judge the current situation in each of the following?
 (% - The situation of the (NATIONALITY) economy)



Fonte: European Union (2023).

Percebe-se, ao analisar o gráfico, que 70% da população da Hungria avalia a situação da economia atual como negativa, de acordo com os meios fornecidos pela pesquisa realizada pelo *Standard Eurobarometer* (EUROPEAN UNION, 2023).

Outro fator que demonstra a divisão e perspectiva da população em relação aos problemas domésticos do seu país é apresentado no Quadro 3.

Quadro 4 – Em sua opinião quais são os dois problemas mais importantes que o (NOSSO PAÍS) enfrenta no momento? (MÁX. 2 RESPOSTAS)

QA3a What do you think are the two most important issues facing (OUR COUNTRY) at the moment? (MAX. 2 ANSWERS)

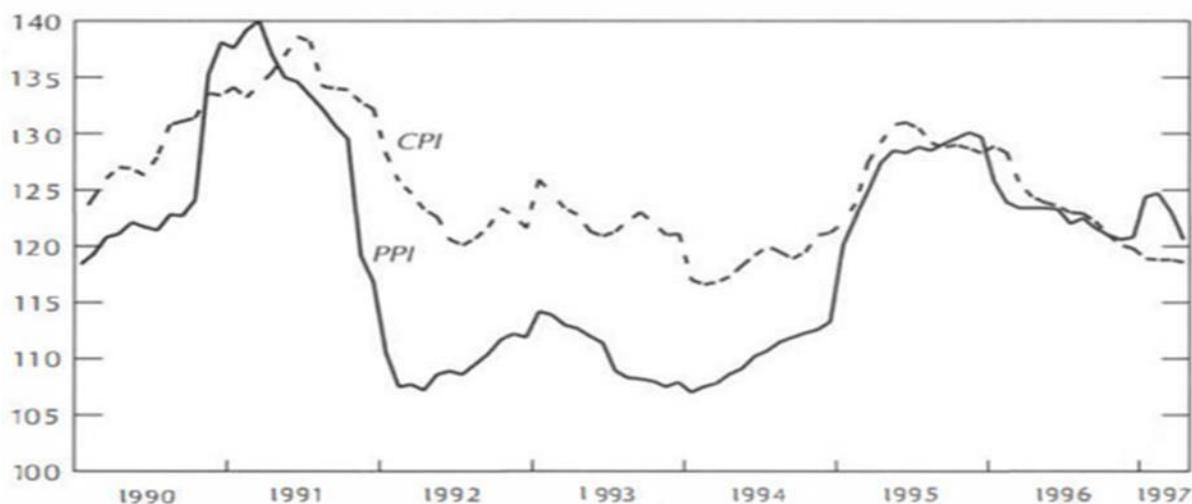
(%)

		Health	Economic situation	Rising prices/ inflation/ cost of living	Unemployment	The environment and climate change	Government debt	The education system	Pensions	Immigration	Housing	Crime	Taxation	Energy supply	Terrorism	
EU27		28	26	23	21	18	13	12	11	10	9	9	6	4	3	
BE		19	19	21	9	34	29	10	8	16	5	5	13	9	1	
BG		39	35	44	19	4	6	8	14	5	2	8	3	2	2	
CZ		17	24	43	4	8	44	12	13	4	16	4	4	0	1	
DK		33	20	12	5	51	12	10	7	17	5	8	4	4	3	
DE		16	12	24	5	34	16	22	15	12	19	8	3	4	3	
EE		30	23	50	10	16	8	13	12	8	3	1	16	8	0	
IE		44	16	26	7	19	12	2	2	2	59	4	4	2	0	
EL		37	53	10	38	2	13	7	4	16	0	11	5	0	1	
ES		35	37	15	50	6	8	6	7	7	3	5	7	5	0	
FR		21	17	17	26	20	13	13	14	13	6	21	3	2	10	
HR		29	34	32	27	6	17	4	9	6	7	18	4	2	1	
IT		38	45	11	38	6	12	5	8	12	3	4	10	2	2	
CY		30	47	14	28	5	5	12	6	23	4	13	2	1	2	
LV		31	34	36	14	2	13	16	10	3	6	2	26	1	1	
LT		23	15	53	15	4	16	23	9	14	4	3	14	3	1	
LU		13	5	31	9	25	3	13	6	8	64	10	3	3	1	
HU		41	21	45	13	9	11	11	11	8	6	5	4	2	2	
MT		41	36	23	4	27	4	3	3	20	9	7	2	2	0	
NL		29	13	18	3	45	3	15	4	11	40	6	5	4	2	
AT		32	19	23	24	22	12	14	8	13	7	8	4	6	4	
PL		32	23	47	8	10	13	8	9	4	4	5	10	6	3	
PT		52	42	17	38	2	10	2	7	2	2	2	12	0	0	
RO		32	29	30	10	9	11	16	16	4	6	10	6	5	4	
SI		47	30	26	12	9	18	6	9	7	11	8	6	2	1	
SK		33	27	47	14	10	17	13	13	2	5	5	5	1	0	
FI		18	29	14	29	29	34	7	5	13	2	5	8	3	1	
SE		22	8	5	15	31	1	20	8	25	8	41	5	9	1	
		1st MOST FREQUENTLY			2nd MOST FREQUENTLY MENTIONED ITEM					3rd MOST FREQUENTLY MENTIONED ITEM						

Com base no quadro acima, é notável a preocupação da população húngara na questão de aumento dos preços, inflação e custo de vida, seguido de saúde, como problemas mais relevantes no contexto econômico atual do país comandado por Viktor Orbán. Entretanto, a inflação não é um problema relativamente novo na Hungria, pois desde o pós-Guerra Fria, ela ganhou relevância como um problema econômico e social no país, relacionada ao surgimento de desigualdade de renda e alto nível de pobreza.

Quadro 5 - Hungria: Inflação de Preços ao Consumidor e de Produtor (Variação percentual em relação ao mesmo período do ano anterior)

Figure 1. Hungary: Consumer and Producer Price Inflation
(Percent change over the same period of the preceding year)



Fonte: Szapary (1998).

Os dados apresentados no Quadro 5 demonstram o período de alta inflação e fragilidade que resultou do pós-Guerra Fria, evidenciando a instabilidade inflacionária da Hungria de acordo com os indicadores econômicos de inflação, como PPI (Índice de Preços ao Produtor) e CPI (Índice de Preços ao Consumidor). Tendo em vista que o país está enfrentando pressões inflacionárias tanto nos preços ao consumidor quanto nos preços de produção pelos índices altos apresentados, o poder de compra da população, a qualidade e padrão de vida estão sendo afetados diretamente, levando a uma insatisfação popular, o que converge com o modelo de Dani Rodrik.

Com a economia deslocada, a população afetada e insegura com questões internacionais tende a preferir algumas tradições nacionais, como, por exemplo, partidos de tendência conservadora que, em harmonia, veem uma oportunidade em momentos de fragilidade democrática para se aproveitar disso, alterando seu discurso para conectar questões econômicas a identidades culturais com o intuito de atrair um maior número de votos. O deslocamento econômico, por sua vez, pode influenciar os resultados políticos e o êxito eleitoral dos políticos populistas (RODRIK, 2021, p.140).

O modelo de Rodrik exemplifica bem o aparecimento e ascensão de Viktor Orbán com base nos aspectos econômicos utilizados pelo Primeiro-Ministro da Hungria em seus discursos

para atingir a grande massa da população que não se sentia acolhida e representada por outros candidatos e líderes. Um exemplo prático de um de seus discursos de 1989, na época com caráter pró-democrático, é a dimensão exemplificada por Anna Szilágyi e András Bozóki:

(...) o emblemático discurso, no qual apelou à retirada imediata das tropas soviéticas e ao anúncio de eleições livres, trouxe-lhe ao mesmo tempo publicidade e popularidade nacional. O discurso foi ouvido por um público de 250 mil pessoas na Praça dos Heróis, em Budapeste, enquanto milhões de húngaros acompanharam ao vivo pela televisão. Este notável e inesperado sucesso inicial determinou em grande parte o comportamento político futuro de Orbán (SZILÁGYI; BOZOKI, 2015, p.3, tradução nossa).

5 POPULISMO

Desde que assumiu o poder, Orbán conseguiu manipular todo o sistema político, econômico e social dentro da Hungria. Seu controle majoritário do Parlamento, a criação de leis que gradualmente favoreceram seu mandato e partido e a centralização de poder vão na contramão das democracias liberais do continente europeu. Com um acentuado controle midiático, o primeiro-ministro se colocou como o político do povo, tendo êxito em implantar e difundir sua agenda etno-nacionalista de caráter xenofóbico. Todas essas constatações apontam para a existência de um forte populismo húngaro.

A análise do populismo na Hungria é fundamental para a compreensão da ascensão de Orbán ao poder no início da década de 2010, pois com o aprofundamento do estudo do contexto socioeconômico húngaro nesse período, é possível identificar todas as etapas da teoria de Dani Rodrik sobre o porquê choques da globalização tendem a disseminar movimentos populistas de sucesso. Nesse sentido, é válido explorar o conceito de populismo, de forma que se facilite relacioná-lo ao caso húngaro.

Segundo Mudde e Kaltwasser (2017), não há um consenso epistemológico sobre o que de fato significa populismo, sendo que alguns consideram tal fenômeno como uma ideologia, um movimento ou até mesmo uma síndrome. Algumas definições são destacáveis, como a de Ernesto Laclau, que entende o populismo como uma força emancipatória da democracia liberal, ou a visão mais recente que vê o populismo como uma estratégia política empregada por um líder específico para governar indiscriminadamente por meio de seus apoiadores. Esse entendimento possui semelhanças com o Estudo da Comunicação, que crê no populismo como um estilo folclórico de política, uma vez que os líderes tendem a agir de maneira mais desleixada e menos convencional para maximizar o recebimento de atenção do público. Independente da normatividade do termo, os autores supracitados compreendem que todas as formas de populismo convergem em algum tipo de apelo ao povo e denúncia à elite e ao establishment, e por isso entende-se esse fenômeno como uma:

(...) ideologia que vê a sociedade separada em dois campos homogêneos e antagônicos, as pessoas puras versus a elite corrupta, e que argumenta que a política é uma expressão da vontade geral do povo (MUDDE; KALTWASSER, 2017, p. 6, tradução nossa).

Essa definição faz com que o populismo seja uma ideologia de morfologia restrita e quase sempre conectada a um campo normativo mais amplo – como o fascismo ou o socialismo – e que, portanto, faz o populismo ter formas distintas, baseadas nos locais de onde ele surge, o que gera diferentes interpretações sobre ele. Esse entendimento também traz consigo a contraposição tanto ao elitismo, baseado na crença de que a superioridade moral e intelectual de certos grupos sociais em relação a outros justificariam o monopólio do poder, quanto do pluralismo, que se baseia na multiplicidade dos centros de poder como forma de evitar sobreposição de interesses entre grupos sociais distintos. Assim, segundo Dunno-Gotterberg e Chaguaceda (2020) são características do populismo a personificação de um líder carismático que atua em nome de um povo de vontade única por via de uma linguagem antipolítica, maniqueísta e moralista.

Uma vez desenvolvido o conceito de populismo, tornam-se mais evidentes os mecanismos e estratégias que Orbán vem utilizando desde 2010 para legitimamente se manter no poder. Com o colapso financeiro ocidental em 2008, o partido do atual premiê húngaro, o Fidesz, passou por uma guinada ideológica, já que os 20 anos de democracia liberal foram vistos como fracassados, pois com esse sistema, o Estado não se colocou a serviço do interesse nacional, mas sim do capital externo. Isso fez com que não houvesse proteção à riqueza nacional ou medidas para evitar o endividamento externo, e com isso, atribuiu-se a culpa desses processos à ONG's, que estariam servindo ao interesse estrangeiro, e à União Europeia, que, por controlar a política monetária e cambial dos seus países-membros, afetaria diretamente o interesse nacional húngaro. Dessa forma, o novo projeto político de Orbán e do Fidesz passou a consistir na harmonização de interesses da sociedade e no fortalecimento de um Estado-nacional que não negasse valores como a liberdade, mas que não fizesse do liberalismo um elemento central da organização do Estado.

Para aplicar e popularizar a nova agenda política, Orbán se aproveitou da quebra de expectativa excessiva que os húngaros depositaram na implementação da democracia liberal e na entrada em órgãos internacionais, cujas subseqüentes adequações econômicas exigidas pelas organizações, no pós-Guerra Fria, foram responsáveis pela instabilidade econômica. Com a desigualdade social acentuada, uma cultura política reacionária e casos de escândalos políticos de governos anteriores, Orbán vendeu a imagem de apoiador das pessoas comuns contra as forças da globalização.

Assim, em 11 de abril de 2010, Orbán foi eleito e seu partido obteve 263 das 386 cadeiras disponíveis, ou seja, dois terços majoritários do Parlamento. Tal feito inédito possibilitou de maneira legal a alteração da Constituição, e posteriormente a redação de uma nova Carta Magna, o que descaracterizou o sistema Legislativo húngaro, que ganhava novas leis para fortalecer o Fidesz. Muitas das mudanças constitucionais também afetaram o Judiciário, com a redução da idade de aposentadoria compulsória de juízes, o que aumentou a influência do partido de Orbán. Dessa forma, de acordo com Szebeni e Salojärvi (2022), durante os doze anos que Orbán tem atuado como primeiro-ministro, redefiniram-se elementos institucionais que eram considerados hostis a ele, implementando-se a agenda do premiê no sistema húngaro sob a visão que a democracia não precisaria necessariamente ser liberal.

Outra característica importante do governo de Orbán é o controle da mídia, que segundo a advogada Lydia Gall, do *Humans Rights Watch*, em entrevista para a BBC Brasil, está de 85% a 90% diretamente ou indiretamente influenciada pelo Fidesz. A transformação de jornais em máquinas de propaganda do Estado é um importante pilar para a concentração de poder na figura de Orbán. Isso se observa quando, em 2010, foi aprovado o *Nemzeti Média*, um órgão regulador de autoridade nacional que tem pressionado empresas de mídia a redirecionar verbas apenas para meios de comunicação simpáticos a sua gestão, uma estratégia que enfraquece opositores de maneira menos direta, sem gerar comoção internacional. Além disso, é de se destacar a criação do KESMA, a Fundação de Imprensa e Mídia da Europa Central, em 2018, que possui mais de 500 veículos de comunicação sob seu controle, e que também possui um viés de tom elogioso ao premiê húngaro.

Logo, com o domínio majoritário no Parlamento, Orbán conseguiu suprimir a mídia independente, restringindo a liberdade de imprensa e adquiriu meios que lhe garantiram voz ativa em diversas plataformas, inclusive em redes sociais, como o Instagram, por exemplo, onde expõe suas opiniões pessoais e políticas. A limitação à pluralidade midiática tornou os cidadãos húngaros cada vez mais restritos à chegada de informações que fossem opostas ao governo, pois se criou uma bolha doméstica de alienação pública.

Todo esse processo que culminou na ascensão do populismo e no conseqüente autoritarismo de Viktor Orbán pode ser explicado pela ótica da crise da legitimidade política, parte da teoria de Manuel Castells sobre a Crise da Democracia Liberal. Segundo o autor, ocorre uma ruptura da relação entre governantes e governados após o colapso da democracia liberal, o que decompõe o sistema político pelas críticas à política tradicional, que privilegia certas

classes políticas. A globalização limitou as capacidades do Estado-nação em responder em âmbito doméstico problemas de origem global, o que fez com que essas classes políticas utilizassem o dinheiro público para proteger o capital estrangeiro ao invés da população (SALVAGNI, 2019). O descontentamento em massa com tal situação abre espaço para respostas de cunho nacionalista, como pode observar-se no caso húngaro.

Decorrente desse processo, a mídia ganha uma posição importante via política do escândalo, que altera a opinião pública e concentra na figura de um líder político a imagem de salvador e confere nele a confiança do público. Foi exatamente o que ocorreu durante as eleições parlamentares de 2010 na Hungria, quando Orbán passou a comunicar-se de maneira mais simples, com promessas austeras e sem uso de marcadores ideológicos para poder aproximar-se do povo, e conforme foi ganhando popularidade, passou a marginalizar os oponentes políticos ao não participar de debates eleitorais.

Uma das táticas que foi utilizada na época e se fortaleceu com o controle midiático do governo é a política do medo, na qual Orbán apontou grupos étnicos e personalidades, como George Soros, como inimigos que pretendiam fomentar a imigração e acabar com a base comunitária do Estado-nacional. Um dos casos mais emblemáticos é a questão da crise dos refugiados na Europa ocorrida em 2015. O nacionalismo xenofóbico e extremista que Orbán conseguiu aprofundar na sociedade húngara teve como auge a construção de uma cerca na fronteira entre Hungria e Sérvia para impedir a entrada dos imigrantes em seu território. Assim, com leis anti-imigração e o controle fronteiriço, percebe-se que as expulsões de povos considerados “diferentes” possuem um caráter político, social e econômico (SASSEN, 2016).

Dessa forma, diante do quadro exposto, é possível relacionar a ascensão populista húngara à teoria de Dani Rodrik, que afirma haver 4 determinantes para o populismo - o comércio, a imigração, a globalização financeira e a insegurança econômica. O choque da globalização da década de 2000 tornou a economia húngara vulnerável, pois houve um deslocamento econômico que gerou o crescimento de importações e pressões comerciais, que fizeram com que a procura por conteúdos midiáticos conservadores e apoiados por extremistas de Direita aumentasse. Assim, a intolerância com o internacional foi amplamente difundida, e os problemas econômicos foram rapidamente associados a questões culturais. Todo esse movimento foi compreendido e proporcionado pelo Fidesz, que acabara de ter uma guinada ideológica e transformou os anseios e crenças da população em oportunidade para Viktor Orbán emergir como o candidato ideal para solucionar os problemas húngaros.

Portanto, dentro do governo de Orbán, existe um evidente populismo de Direita desde seu mandato pós-eleições parlamentares de 2010. A demagogia onipresente do premiê frente ao Estado, às redes sociais, à mídia e ao Parlamento, somados às reformas Legislativas que sua agenda prevê, têm restringido cada vez mais a participação popular, e com isso, deslegitimado a democracia e consolidando seu poder. Se a expectativa do povo húngaro era uma melhora na democracia no pleito eleitoral do início da década de 2010, os consecutivos mandatos e medidas autoritárias de Orbán demonstram que a qualidade da democracia, na verdade, teve uma grande queda.

6 UNIÃO EUROPEIA

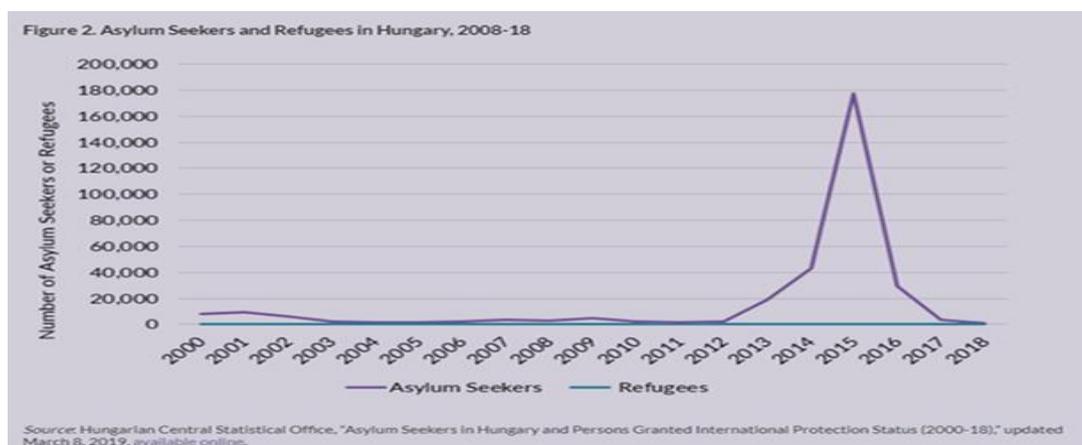
A Hungria se juntou à União Europeia em 1º de maio de 2004, quando a UE teve uma grande adesão de novos países em seu bloco, com a maioria deles oriundos do antigo bloco soviético. Porém, até hoje, a Hungria não aderiu ao uso do Euro como moeda oficial, uma vez que o país usa a moeda *forint* húngaro, apesar do país já ter planos para aderir ao Euro como moeda oficial, mas sem um prazo para esta troca ocorrer.

A relação comercial húngara é muito focada na União Europeia, visto que 78% das exportações têm como destino países da UE e 71% de suas importações são oriundas da UE, sendo a Alemanha o país com a maior participação nas importações e exportações.

Porém, conforme o tempo foi passando e Viktor Orbán chegou ao poder, a relação com a Alemanha começou a ter turbulências na crise dos refugiados de 2015, quando Orbán ordenou que as fronteiras fossem fechadas, forçando os refugiados a procurarem novas rotas para se abrigar. Em outubro de 2015, o governo, visando frear entradas de imigrantes, bloqueou sua fronteira com a Croácia e, um dia depois, com a Eslovênia também, além das fronteiras com a Sérvia estarem fechadas desde setembro de 2015. Na crise de 2015, a Hungria, foi o segundo país que mais recebeu solicitações de asilo (como se observa no gráfico abaixo o boom de refugiados e imigrantes que o país recebeu), ficando atrás apenas da Alemanha. O governo Húngaro atribuiu a culpa da crise de refugiados à União Europeia, como diz a resolução adotada pelo partido Fidesz, de Viktor Orbán: “A responsabilidade pela situação é da União Europeia. Chegamos até o ponto em que as pessoas morrem pela política irresponsável de Bruxelas”.

A argumentação feita pelo partido tem como base a ideia nacionalista e xenófoba de que o país deve preservar sua cultura e valores, além de que a postura dos altos comissários da UE foi irresponsável e que os ideais passados aos refugiados seriam os de que teriam uma vida melhor em países do bloco. Desde a criação da proposta da Comissão Europeia de repartição de imigrantes entres os países membros, o governo húngaro adotou uma postura contrária, passando leis contra a imigração e aumentando a força que poderia ser usada pelos soldados contra refugiados, tal qual uso de gás lacrimogêneo e balas de borracha.

Quadro 6 - Pessoas que buscaram asilo e refúgio na Hungria, 2008-18



Fonte: Gozdziaik (2019).

Já inserido no contexto da pandemia da COVID-19, Orbán se mostrou preocupado e aderiu aos cuidados contra a propagação do vírus, fazendo campanhas para o isolamento e fechando fronteiras para evitar maior contaminação, ainda que seus ideais políticos fossem parecidos com os de Donald Trump e Jair Bolsonaro, ex-presidentes de EUA e Brasil respectivamente, e então líderes de países que não se destacaram pela implementação dessas medidas. Orbán também seguiu as diretrizes de prevenção ao vírus, como a obrigatoriedade de uso de máscaras e até mesmo a possibilidade de prisão por 5 anos dos responsáveis por espalhar *Fake News* sobre a doença. A Hungria, assim como boa parte do leste europeu, sofreu mais com a pandemia em ondas que vieram após a primeira grande onda no início de 2020, e nesta época o país chegou a liderar o mundo em mortes per capita por COVID-19, fazendo com que Viktor Orbán tivesse que declarar nova quarentena, com lojas e bares fechando e com a volta das aulas remotas.

Nesta crise da pandemia, a relação com a UE se deteriorou devido à criação de um decreto de estado de emergência no país que dava ao Primeiro Ministro Viktor Orbán tempo de governo indeterminado. A União Europeia, em abril de 2020, emitiu declaração na qual afirmava que a ação feria os valores europeus. Além disso, Hungria e Polônia travaram o orçamento da UE, que previa a liberação de um pacote de recuperação financeira pós COVID-19, o que fez o conflito entre UE e Hungria se aprofundar. Vale ressaltar que a UE já tinha a Hungria como alvo de procedimentos legais devido a ataques ao estado de direito, principalmente ao poder judiciário e à imprensa livre.

Em 2022, no contexto da guerra entre Rússia e Ucrânia, Orbán declarou novo estado de emergência, semelhante ao decreto de 2020, estendendo a duração de seu governo por tempo indeterminado sob a justificativa de que: “o país precisa de espaço de manobra para responder aos desafios com agilidade”. A decisão foi tomada logo após Orbán ter sido reeleito para o 4º mandato seguido, sendo este o terceiro estado de emergência declarado pelo primeiro-ministro (os outros dois sendo um, em 2015, pela crise de refugiados e, em 2020, pela pandemia do COVID-19). Esta decisão levou a UE a dizer que a Hungria não poderia mais ser considerada uma democracia plena, com o parlamento europeu avaliando que a situação no país era a de uma autocracia eleitoral. Membros do parlamento listaram preocupações com a nação do leste europeu, entre elas a independência judicial e liberdade religiosa e acadêmica, e a exposição de minorias, como a população LGBTQIA+ e de refugiados, e ataques do governo autoritário. Ainda na mesma resolução da UE, o Parlamento apelou para que a comissão retivesse os fundos da União Europeia que seriam destinados ao país em retaliação às ações de Orbán, com a justificativa de que o valor seria destinado à corrupção. A Comissão Europeia recomendou a retenção de 1,1 Trilhão de euros que seriam destinados ao bloco entre 2021 e 2027, além dos recursos já bloqueados do pacote de recuperação pós-pandemia que chegavam a cerca de 6 bilhões de euros.

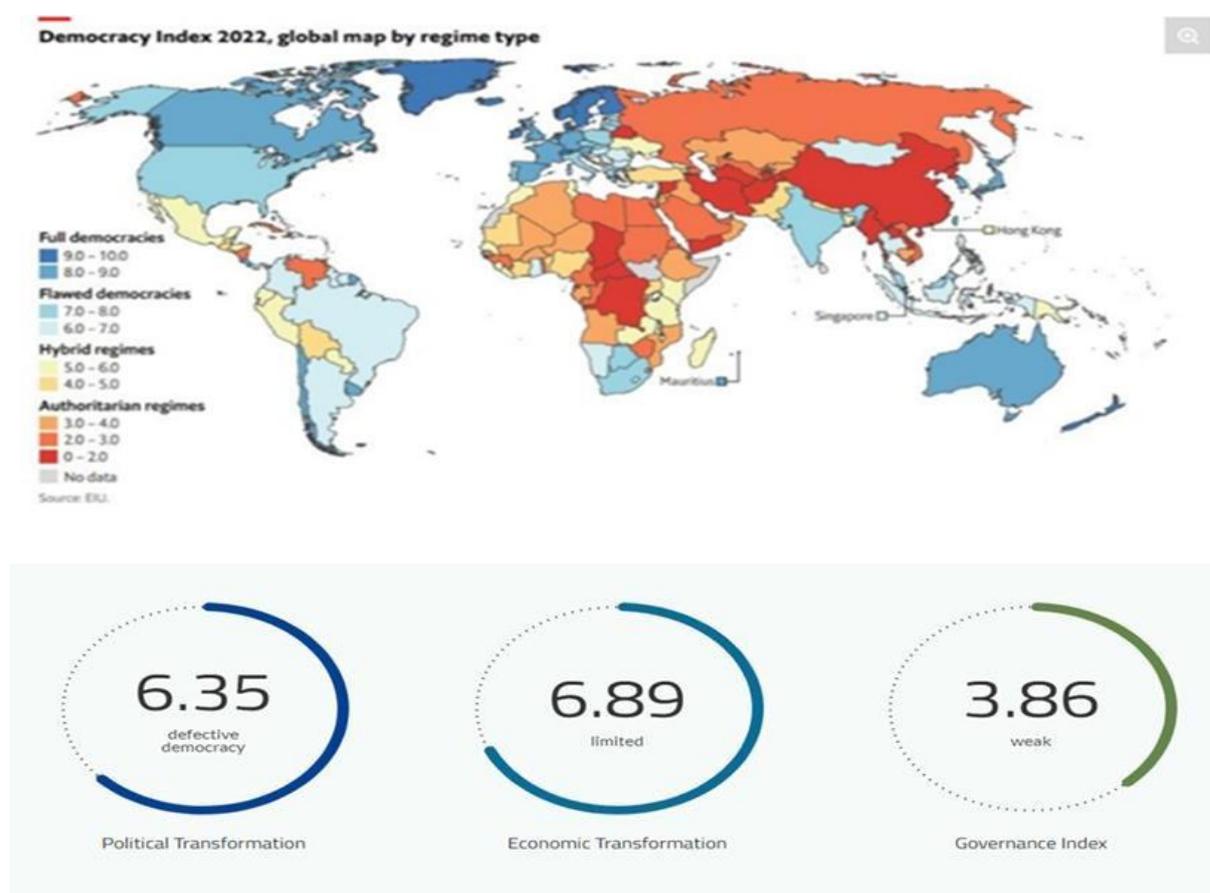
Mais recentemente, em comemoração ao levante húngaro contra Moscou, Orbán declarou que a adesão húngara a UE, em 2004, podia ser comparada às quatro décadas de domínio soviético sobre o país, afirmando que Bruxelas - cidade sede da União Europeia - estaria tentando roubar da Hungria a sua identidade nacional, impondo um modo de governo de democracia liberal, que o povo húngaro rejeitava. Ainda nessa declaração, Orbán continuou dizendo que a União Soviética não tinha conserto, porém a UE ainda poderia ser reformada, essa citação visa a eleição para o Parlamento Europeu em junho de 2024, que os deputados do Parlamento tentam frear uma possível campanha húngara para alcançar a presidência da UE (Orbán, 2023)

Estabelecendo-se um paralelo com o quadro supracitado sobre a UE e a Hungria, é válido retornar o foco de análise em 2004, quando o país foi admitido no bloco e tendo atendido uma série de critérios, entre eles, a preservação de democracia liberal, um sistema judiciário independente, um Estado de direito e a garantia dos direitos às minorias etc. Naquele momento, a UE não considerava uma possibilidade de reversão deste “status democrático” de seus membros, porém, segundo observadores dos direitos humanos, analistas políticos e até mesmo

dos eurodeputados, a Hungria conseguiu o que todos menos esperavam e começou a “andar para trás”. Esta regressão no status de democracia liberal se apresenta na forma de um antagonismo entre o país e a UE, muito bem reproduzido e explicado no trilema da globalização de Dani Rodrik (Quadro 1). Sendo a “camisa de força dourada” a Hungria e a Governança Global a União Europeia.

Em suma, percebe-se que a relação com a UE estremeceu devido ao governo populista de Orbán ter um discurso antiglobalização e contra o modelo de governo de democracia liberal, o acreditado modelo “imposto” pela União Europeia. Por causa deste discurso, a própria democracia húngara acaba ferida, vide os vários estados de emergência que foram declarados em menos de 10 anos e com Orbán sendo reeleito para seu quarto mandato seguido, no qual censura de livros didáticos e perseguição da imprensa livre seguem sendo facilmente observados. Como resultado, o *Democracy Index 2022*, por exemplo, classifica a Hungria como uma democracia falha.

Quadro 7 - Democracy Index 2022, global map by regime type



Fonte: Economist Intelligence – EIU (2022).

7 CONCLUSÃO

A ascensão de Viktor Orbán ao poder na Hungria é uma resposta complexa à crise da globalização, na qual fatores econômicos, políticos e sociais, como a crise financeira do final da década de 2000; o impacto da imigração e as dinâmicas da integração europeia desempenharam papel fundamental na redefinição das preferências políticas da população. A aplicação do esquema conceitual de Dani Rodrik ao caso húngaro sugere que os conceitos de deslocamento econômico, dos choques da globalização e da busca por identidade nacional, explicitados nos tópicos 3, 4 e 5, foram catalisadores do surgimento do populismo na Hungria.

Apesar de estarem intrinsecamente relacionadas à percepção de perda de soberania nacional, alimentada por conflitos decorrentes do choque global, as raízes dos efeitos políticos são mais profundas. A abordagem de Dani Rodrik não é suficiente para explicar o fenômeno por completo, uma vez que o elemento da cultura política, estruturada ao longo do processo de desenvolvimento histórico do país, carregou marcas da alternância constante de regimes autoritários, atraso industrial e instabilidade econômica, pois estes elementos do processo social da construção da identidade húngara influenciam o interesse do Estado e de seus agentes políticos (WENDT, 1992), conforme evidenciado no tópico 3.

Portanto, os atrasos no desenvolvimento industrial, a aproximação ao fascismo, as consequências das seguidas derrotas nos dois conflitos mundiais, o controle soviético e seu fracasso, bem como as consequências econômicas das reformas liberais contribuíram, paralelamente à crise da globalização, para o enfraquecimento da democracia húngara. Tais elementos desencadearam uma narrativa que resultou na busca da população por soluções assertivas personificadas na imagem de líderes políticos, como Orbán, que usou de estratégias midiáticas para manipular a opinião pública, apelando às tradições nacionais para desviar a atenção dos reais problemas – os econômicos – e utilizando reformas legislativas para alterar o sistema burocrático doméstico, e garantindo, legalmente, a continuidade do seu governo.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. *In*: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. P. 9-23.

ARMENIA has progressed in 2022 Democracy Index. **Massispost**, 02 Feb. 2023. Disponível em: <https://massispost.com/2023/02/armenia-has-progressed-in-2022-democracy-index/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

BAYER, Lili. How Orbán broken teh EU – and got away with is. **Político**, 24 Set. 2020. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/how-viktor-orban-broke-the-eu-and-got-away-with-it-hungary-rule-of-law/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

BÍRÓ-NAGY, András. Orbán’s political jackpot: migration and the Hungarian electorate. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 48, n. 2, p. 405-424, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369183X.2020.1853905>. Acesso em: 23 out. 2023.

BLANCO, Silvia. Por coronavírus, Hungria permite que ultradireitista Orbán governe por decreto indefinidamente. **El País**, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-30/lei-aprovada-na-hungria-permite-que-orban-amplie-indefinidamente-o-estado-de-alarme-devido-a-pandemia.html>. Acesso em: 02 nov. 2023.

BOZÓKI, András. **The crisis of democracy in Hungary**. Berlim: Heinrich-Böll-Stiftung, 2012. Disponível em: <https://www.boell.de/en/2012/05/21/crisis-democracy-hungary>. Acesso em: 23 out. 2023.

BOZÓKI, András; SIMON, Eszter. Hungary since 1989. *In*: RAMET, Sabrina P. (Ed.). **Central and Southeast European politics since 1989**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 204-232.

BTI TRANSFORMATION INDEX. **Hungary**. Gütersloh: BTI, 2022. Disponível em: <https://bti-project.org/en/reports/country-dashboard/HUN>. Acesso em: 02 nov. 2023.

CABRERA-CUADRADO, Carla; CHROBAK, John. Illiberalism and the Deinstitutionalization of Public Diplomacy: the rise of Hungary and Viktor Orbán in America conservative media. **Communication & Society**, v. 36, n. 2, p. 311-324, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15581/003.36.2.311-324>. Acesso em: 23 out. 2023.

CALVOCORESSI, Peter. **Política mundial a partir de 1945**. 9. ed. Porto Alegre: Penso, 2011. 824 p.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CHAGUACEDA, Armando; DUNNO-GOTERBERG, Luis. El populismo de Viktor Orbán: una democracia iliberal para Hungría. *In*: CHAGUACEDA, Armando; DUNNO-GOTERBERG, Luis. **La derecha como autoritarismo en el Siglo XXI**. Buenos Aires: Fundación Cadal; Cidade do México: Centro de Estudios Constitucionales Iberoamericanos; Texas: Rice University, 2020. p. 159-182.

CORONATO, Daniel Rei; GUARIGLIA, Letícia França; MELO, Natascha Silva. **Populismo: repercussões de um debate teórico. Leopoldianum. Revista de Estudos e Comunicação da Universidade Católica de Santos**, v. 46, n. 128, p. 67-82, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/970/834>. Acesso em: 24 out. 2023.

ECONOMIST INTELLIGENCE. EIU. **Democracy index 2022**. London: EIU, 2022. Disponível em: <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2022/>. Acesso em: 23 out. 2023.

EUROPEAN UNION. **Hungary**. Bruxelas: European Union, 2023. Disponível em: https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/country-profiles/hungary_en. Acesso em: 30 out. 2023.

EUROPEAN UNION. **Standard Eurobarometer 95: spring 2021: public opinion in the European Union**. Bruxelas: European Union, 2021.

EUROPEAN UNION. **Standard Eurobarometer 98: winter 2022-2023: first results**. Union. Bruxelas: European Union, 2023.

FUKUYAMA, Francis. **The end of history and the last man**. New York: The Free Press, 1992. 418 p.

FUSTER, Anthony Oscar. **The media landscape in the rise of illiberal democracy in Viktor Orbán's Hungary: the closing of Magyar Nemzet**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel) – Center for Russian, East European, and Eurasian, University of Texas, 2022. 58 p. Disponível em: https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/119231/fusteranthony_4292305_72153488_Fuster_Thesis_2023.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 23 out. 2023.

GOZDZIAK, Elzbieta M. Using fear of the “other”, Orbán reshapes migration policy in a hungary built on cultural diversity. **Migration Information Source**, 10 Oct. 2019. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/orban-reshapes-migration-policy-hungary>. Acesso em: 30 out. 2023.

HUNGRIA culpa União europeia por crise de refugiados. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 set. 2015. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/hungria-culpa-uniao-europeia-por-crise-de-refugiados/>. Acesso em: 30 out. 2023.

HUNGRIA e Polônia acirram conflito e travam orçamento da UE. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/hungria-e>

polonia-oficializam-alianca-contra-clausula-de-estado-de-direito-e-travam-orcamento-da-ue/. Acesso em: 02 nov. 2023.

HUNGRIA fecha outra fronteira e força refugiados a procurar novas rotas: governo de Viktor Orbán iniciou os controles fronteiriços em setembro com a Sérvia. **El País**, 19 out. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/16/internacional/1445019134_419058.html. Acesso em: 30 out. 2023.

HUNGRIA: perfil da nação que foi do comunismo ao populismo de direita. **BBC News Brasil**, São Paulo, 16 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60392086>. Acesso em: 30 out. 2023

HUNTINGTON, Samuel. The clash of civilizations? **Foreign Affairs**, v. 72, n. 3, p. 22-49, 1993.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Power and interdependence**. New York: Longman, 2001. 334 p.

LIRA, Ravele. Você sabe identificar um reacionário? **Politize! Atualidades**, Florianópolis, 22 out. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/reacionario/>. Acesso em: 24 out. 2023.

MIRANDA, Gisela; JESUS, Madalena. Tradução de “O Trilema de Rodrick”, o trilema político fundamental da economia mundial. Polissema. **Revista de Letras do ISCAP**, v. 20, p. 178-190, 2020.

MOTA, Camilla Veras. Bolsonaro na Hungria: como o primeiro-ministro Viktor Orbán se tornou inspiração para a ultradireita. **BBC News Brasil**, São Paulo, 17 fev. 2022. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60396883#:~:text=Nesta%20quinta%2Dfeira%20\(17%2F,a%20ultradireita%20em%20outros%20pa%C3%ADses.&text=O%20que%20est%C3%A1%20acontecendo%20agora%20entre%20Israel%20e%20Gaza%3F](https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60396883#:~:text=Nesta%20quinta%2Dfeira%20(17%2F,a%20ultradireita%20em%20outros%20pa%C3%ADses.&text=O%20que%20est%C3%A1%20acontecendo%20agora%20entre%20Israel%20e%20Gaza%3F). Acesso em: 31 out. 2023.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. What is Populism? *In*: MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rivera. **Populism: a very short introduction**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2017. cap. 1, p. 1-21.

PARLAMENTO Europeu quer impedir presidência da Hungria em 2024. **Sapo. Eco**, Porto, 31 maio 2023. Disponível em: <https://eco.sapo.pt/2023/05/31/parlamento-europeu-que-impedir-presidencia-da-hungria-em-2024/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

PIAMOLINI, Alexandre. A fundação da República da Hungria - 23 de outubro de 1989. **Relações Exteriores (revista on-line)**, 26 jul. 2022. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/fundacao-republica-da-hungria-23-outubro/>. Acesso em: 23 out. 2023.

PINHEIRO, Milton. A Hungria no laboratório do neoliberalismo. **ADUNEB: opiniões e debates**, Salvador, 01 mar. 2012. Disponível em: https://www.aduneb.com.br/artigos.php?news_not_pk=2244. Acesso em: 24 out. 2023.

PRINTER, Joseph. **Democratic Transition in Hungary**. Political Science. Undergraduate Research Journal. Vol 8, 2008.

PREBISCH, Raúl; GONZÁLEZ, Norberto. **Raúl Prebisch**: un aporte al estudio de su pensamiento: las cinco etapas de su pensamiento sobre el desarrollo, su última intervención pública, bibliografía de su obra entre 1920 y 1986. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe/Naciones Unidas, 1987. 146 p.

RODRIK, Dani. **The globalization paradox**: democracy and the future of the world economy. New York: W. W. Norton & Company, 2012. 368 p.

RODRIK, Dani. Why does globalization fuel populism? Economics, culture, and the rise of right-wing populism. **Annual Review of Economics**, v. 13, p. 133-170, 2021.

SALVAGNI, Julice. Ruptura: a crise da democracia liberal, Manuel Castells, Zahar, Rio de Janeiro, Brasil, 2018, 150 p. [Resenha de livro]. **Polis. Revista Latinoamericana**, v. 52, p. 1-4, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/17173>. Acesso em: 31 out. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 336 p.

SASSEN, Saskia. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 336 p.

SIAD, Arnaud. Hungria “não pode mais ser considerada democracia plena”, diz parlamento da UE. **CNN Brasil**, 16 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/hungria-nao-pode-mais-ser-considerada-democracia-plena-diz-parlamento-da-ue/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

SILVA, ANDRÉ FILIPE FENKER. **A União Europeia e o desafio da Hungria**: uma análise às diferentes perspectivas sobre os valores europeus. 2020. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Direito, Universidade Lusíada do Porto, Porto, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/5887>. Acesso em: 30 out. 2023.

SZAPARY, Gyorgy. Inflation in Hungary, 1990-97. In: COTTARELLI, Carlo; SZAPARY, Gyorgy. **Moderate inflation**: the experience of transition economies. Washington: International Monetary Fund, 1998. cap.4. 299 p.

SZEBENI, Zea; SALOJÄRVI, Virpi. “Authentically” maintaining populism in Hungary: visual analysis of Prime Minister Viktor Orbán’s Instagram. **Communication and Society**, v. 25, n. 6, p. 812-837, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15205436.2022.2111265>. Acesso em: 23 out. 2023.

SZILÁGYI, Anna; BOZÓKI, András. Playing it again in post-communism: the revolutionary rhetoric of Viktor Orbán in Hungary. **Advances in the History of Rhetoric**, v. 18, n. sup.1, p. S153-S166, 2015.

TATSCH, Juliano. Hungria lidera mortes per capita por COVID-19 no mundo. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 23 nov. 2023. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/internacional/2021/04/786371-hungria-lidera-mortes-per-capita-por-covid-19-no-mundo.html. Acesso em 30 out. 2023.

TORRES, Maria Tereza Zolyomy. **O constitucionalismo populista como um desafio da democracia no século XXI**: uma análise da Hungria sob o regime de Orbán. 2022. Dissertação (Mestrado em Direito, Ciências Jurídico-Políticas) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2022. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/103565>. Acesso em: 23 out. 2023.

VIKTOR Orbán compara adesão da Hungria à UE à ocupação soviética. **Euronews**, 24 out. 2023. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2023/10/24/viktor-orban-compara-adesao-da-hungria-a-ue-a-ocupacao-sovietica>. Acesso em: 02 nov. 2023.

VIKTOR Orbán, da Hungria, decreta estado de emergência por causa da guerra entre Rússia e Ucrânia. **Portal Globo.com – G1**, 24 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/05/24/viktor-orban-da-hungria-decreta-estado-de-emergencia-por-causa-da-guerra-entre-russia-e-ucrania.ghtml>. Acesso em: 02 nov. 2023.

WENDT, Alexander. Anarchy is what states make of it: the social construction of power politics. **International Organization**, v. 46, n. 2, p. 391-425, 1992.

WILKIN, Peter. The rise of “illiberal” democracy: the orbánization of hungarian political culture. **Journal of World-Systems Research**, v. 24, n. 1, p. 5-42, 2018. Disponível em: <https://jwsr.pitt.edu/ojs/jwsr/article/view/716>. Acesso em: 11 maio 2022.